

# Convergência na divergência

Há tempos, ando meio farto da deterioração da liberdade de expressão no mundo universitário. Formas disfarçadas de censura, silêncio obsequioso, avisos de conteúdo (“trigger warnings”), espaços seguros (“safe spaces”) e uma série de expedientes autoritários que, no fundo, apontam para uma séria crise do pensamento, pois as autoridades acadêmicas passaram a definir para todos os estudantes a “única pauta correta” na reflexão das questões sociais que nos assolam.

Essa postura é alimentada pela ausência de um pendor volitivo para a busca racional da verdade, a qual não é inimiga da tolerância, mas, pelo contrário, sua aliada. Esse quadro fático ganha contornos de realidade marcante na cena universitária americana.

Recentemente, um conhecido conservador homossexual foi impedido de realizar uma conferência numa destacada instituição contra essa versão reducionista de feminismo, porque as estudantes feminazis promoveram uma violenta baderna generalizada no local momentos antes.

Colhemos aquilo que plantamos. Desde as últimas décadas do século passado, muitas universidades americanas começaram a pregar o relativismo como o melhor antídoto frente à intolerância. Evidente que, em curto espaço de tempo, a hierarquia de valores virou de cabeça para baixo. Alan Bloom, em sua famosa obra “The closing of american mind” (1989), diagnosticou esse problema: quando o relativismo transforma-se no centro daquela hierarquia, a verdade é despachada para a periferia.

O efeito prático da absolutização do relativismo foi, no campo das questões sociais, o nivelamento de todos os pontos de vista e de estilos de vida. Afinal, como já não mais existiriam critérios objetivos para discernir quem merece o quê, ninguém teria direito a criticar quem fosse ou pensasse diferente. E, se o fizesse, seria um intolerante.

Então, pavimentou-se a via do discurso politicamente correto. Muitas universidades aprovaram códigos de linguagem que estabeleceram aquilo que, a seu juízo, representaria o modo concreto de pensar e de se expressar sobre uma série de assuntos quentes, como raça, sexo, moda, casamento, religião e sociedade de classes.

Ao invés de estimularem o pensamento crítico dos alunos para que aprendessem por si mesmos a prática da tolerância, as autoridades acadêmicas, como já dito, resolveram dizer o que presta e o que não presta. Se fosse progressista, prestaria. Se fosse conservador, reacionário ou tradicional, não.

E, para que seus dóceis alunos, cujos cérebros contentaram-se em não mais que coordenar suas atividades sensitivas, motoras e fisiológicas, restassem bem protegidos de qualquer vulnerabilidade intelectual imprestável, seria preciso criar todos aqueles expedientes autoritários já citados. Assim, esses pobres coitados não se sentiriam incomodados e nem ofendidos pelas opiniões ou contrapontos divergentes. Só se esqueceram de distribuir mamadeiras e fraldas nesse dispensável exercício de assistencialismo intelectual.

Bem ao contrário dessa cartilha paternalista, a sociedade, como, de resto, a reflexão sobre seus problemas, é algo construído por todos mediante a prática das virtudes da humildade intelectual, da abertura mental ao outro e, sobretudo, do amor à verdade. Quando vividas, tais excelências nos

dispõem a escutar com atenção e respeito àqueles que discrepam daquilo em que acreditamos.

A busca da verdade não tem porque cerrar nossos ouvidos para nossos adversos na arena do debate social. Mill, um dia, ensinou-nos que reconhecer a possibilidade de que alguém possa estar no erro é razão suficiente para escutá-lo e levá-lo a sério e não somente tolerar de má vontade os pontos de vista discordantes ou chocantes. E, para quem se julga estar certo, essa atitude de escuta serve para aprofundar sua compreensão da verdade e melhorar sua capacidade de defendê-la.

A disposição de tomar a sério as pessoas das quais não concordamos - muito além da indiferença relativista - é justamente o que nos previne contra o dogmatismo e a bovinidade de pensamento, tão tóxicos para a saúde de nosso mundo acadêmico quanto para o bom funcionamento de nossa sociedade. Com respeito à divergência, é o que penso.

André Gonçalves Fernandes é juiz de direito, doutorando em Filosofia e História da Educação, professor, pesquisador, coordenador acadêmico do IFE e membro da Academia Campinense de Letras (fernandes.agf@hotmail.com)

Artigo publicado no jornal Correio Popular, edição 03/05/2017, Página A-2, Opinião.

---

## Sábio, porém, covarde!



Pôncio Pilatos, govenador romano da Judeia no tempo de Jesus, entrou no Credo católico sem sequer ser cristão, o que se deveu certamente ao papel que desempenhou na condenação de Cristo e às proféticas palavras que saíram de sua boca, mesmo sem que ele se desse conta disso.

Quando levaram-lhe Jesus, Pilatos pergunta-lhe se é rei dos judeus e como resposta veio um simples “tu o dizes”. O governador julgou-o inocente, se impressionou e conforme a narrativa do Evangelho “procurava meios para soltá-lo”(Lc 23,14-17). Intrigado com seu prisioneiro questiona: “O que é a verdade?” (Jo 18, 37-38). Jesus, nada responde. Os Padres da Igreja, já nos primeiros séculos do cristianismo interpretaram essa pergunta afirmando que Pilatos queria saber “o quê”, mas Jesus revelou-lhe “Quem é a Verdade”. Nesse diálogo se estabelece a grande diferença entre a cosmovisão pagã e a cristã. A resposta não foi verbalizada, já que a própria Verdade estava diante dos olhos do governador.

Bento XVI, na encíclica *Deus Caritas Est* afirmava que o cristianismo não nasce de uma grande ideia ou de um complexo sistema filosófico, mas sim de uma pessoa concreta: Jesus Cristo. O cristianismo é uma fé encarnada, transcendente, mas também imanente, tal como o ser humano que tem dentro de si o desejo pelo transcendente, mas que vive às voltas com toda sua realidade imanente, não em estado de oposição entre uma realidade e outra, mas em estado de comunhão.

Jesus notou a angústia do governador frente às autoridades judaicas que exigiam sua condenação. O pedido era legal, mas não era justo e Pilatos o percebeu. Foi sábio, porém, covarde. Percebeu a

injustiça, compreendeu a manipulação, identificou quem era inocente, mas foi covarde, lavou suas mãos e passou a questão a outros. O seu dilema interior foi grande, encontrou-se com a Verdade, mas não foi capaz de defendê-la. Jesus demonstrou que para calar-se diante de acusações claramente falsas, sem abrir a boca para defender-se é um ato que exige mais coragem do que prender, julgar e condenar alguém.

Se defendermos a verdade, como dizia Santo Tomás de Aquino, estamos fadados a ter poucos amigos. Testemunhar a verdade é mais do que constatá-la ou reconhecer onde ela se encontra, antes, implica em admiti-la sem reservas e estar pronto a morrer por ela. Em tempos tão marcados pela pusilanimidade, a atitude de Pilatos se reproduz em larga escala, perpetuando a covardia em conhecer e defender a verdade.

Leão XIII, no fim do século XIX afirmou que “a audácia dos maus cresce na mesma proporção em que a omissão dos bons”. Muitos reconhecem a verdade, mas são covardes para defendê-la e cada vez mais os elementos de nossa própria sociedade vão se liquefazendo aos olhos daqueles que têm possibilidades efetivas de mudar a situação, mas nada fazem, porque se conformam e se submetem ao mutismo imposto pelo que é mau.

Não se trata de analisar a sociedade de modo fatalista, mas de constatar que para alcançar a Verdade é necessário um honesto trabalho intelectual que exige, em primeiro lugar, uma firme disposição de alcançá-la e busca dos meios necessários para atingir esse fim.

Portanto, seja pela via da razão ou pela via da Revelação, podemos entender que de tão simples que era, o mistério de Deus acabou sendo desprezado. Nós pobres seres humanos temos dessas coisas... Imaginamos que o que vem de Deus deve ser na medida de nossa fantasia tacanha. Ordinariamente Deus não age assim, costuma escolher o que é mais vil e desprezível para confundir nossa pretensa sabedoria. Deus age no cotidiano da história humana, e é sempre um mistério. O mistério, diferente do que pensamos, não é algo sobre o que não podemos saber nada, mas é algo sobre o quê não podemos saber tudo. Não podemos abarcar Deus em nossa racionalidade, mas podemos alcançá-lo seguramente, pois de tanto nos amar Ele quis se parecer conosco e para isso vestiu-se de carne.

**Luiz Raphael Tonon**, professor de História e Filosofia, gestor do Núcleo de Teologia do IFE Campinas.

Artigo originalmente publicado no jornal *Correio Popular*, de 24/04/2014, Página A2 - Opinião.

Imagem: *Ecce homo!* [Eis o homem!], de Antonio Ciseri, 1871. Imagem em Domínio Público disponível [neste link](#).

---

## [Uma Manhã Inexistente](#)



Naquela quinta-feira, no começo da manhã, dirigi-me ao salão nobre da faculdade do Largo de São

Francisco, uma hora antes da apresentação que um amigo, formado comigo e conhecido filósofo do direito da casa, faria numa mesa de debates sobre as relações entre a cultura e o direito.

Resolvi, então, passar numa famosa livraria situada ali perto, a fim de buscar um livro encomendado. Tive uma enorme surpresa, porque, no intervalo de alguns anos, aquele pequeno recinto de preciosidades jurídicas havia passado por uma revolução reclassificatória. Os livros de direito estavam agora acompanhados por outras seções, desde as mais tradicionais, como literatura, arte, filosofia, até as mais pitorescas, representadas por vastas estantes de obras pós-modernas de teoria cultural, classe e gênero, raça e cultura.

Entretanto, chamou-me mais atenção uma seção intitulada “homem e sexualidade”, que me trouxe alguma esperança, mas não tinha nada a ver com antropologia filosófica e sim com puro experimentalismo estruturalista, a julgar pelos títulos das obras ali expostas: os principais livros de Deleuze, Foucault, Barthes e outros bem menos conhecidos, mas, nem por isso, menos chocantes, como “A Revolução Feminista do Eu”, “O Bicha Material”, “O Transfeminismo Pós-Moderno” e “O Ídolo Lésbico”. Como nada daquilo me abriu o apetite intelectual, fui embora sem comprar nada, algo que raramente se dá comigo em livrarias, e, em estado de choque intelectual, acabei esquecendo até de solicitar ao atendente o livro encomendado.

Resolvi retornar à faculdade para ouvir meu amigo, cuja brilhante inteligência era capaz de devorar todas as obras platônicas e aristotélicas em algumas semanas, mas que, com o tempo, resolveu se esquecer da sabedoria dali haurida e dar corpo teórico para as teorias pós-modernas do direito. Em suma, ele tinha uma parcela de responsabilidade sobre o atual estado da cultura e, daqui a alguns anos, terá sobre aquilo que entenderemos sobre o direito. Afinal, como dizia minha avó, as ideias têm consequências...

Sua apresentação começou como já previa: um discurso demolindo o existente e substituindo-o por uma irrealdade verbosa e oca. Segundo Foucault, o homem não existe mas, pelo menos, essa “inexistência” está aí, povoando nossa realidade com seu “versátil vazio”. Barthes só conferia substância real ao estilo, inflexão que cada vida é capaz de imprimir no rio de palavras em que o ser aparece e desaparece. Para Derrida, somente os textos ou discursos têm vida, porque eles pertencem a um universo de formas autossuficientes que se remetem e modificam mutuamente, sem qualquer necessidade de interação com experiência humana.

Meu amigo deu o passo adiante que faltava. Para ele, a realidade já não mais existe. Em seu lugar, entrou a realidade virtual, criada pelos discursos públicos que, a partir dos fatos, interpreta-os e os rotula sob o nome de “informação”. As ocorrências do mundo real não são objetivas e nascem minadas em sua verdade e consistência ontológica, de maneira que não podemos mais ter qualquer perspectiva crítica sobre o mundo que nos rodeia. A única “realidade” de nossa era é a dos simulacros e o melhor exemplo disso é a “verdade” da ficção midiática dos grandes telejornais e periódicos.

Sem dúvida, vivemos numa época de grandes representações que dificultam nossa compreensão do mundo real. Os políticos pegos em flagrante costumam ser bem férteis e imaginativos na escolha do rol de desculpas de plantão. É um bom exemplo. Contudo, não parece evidente que, para muito além desses políticos, alguns pensadores, que pretendem incrustar na vida o jogo especulativo e os sonhos da ficção, contribuem determinantemente para turvar nosso entendimento sobre o mundo?

Ao final da apresentação e, talvez, involuntariamente, meu amigo afirmou que “o escândalo, hoje, não está em atentar contra os valores morais e sim contra o princípio da realidade”. Tomei isso como uma autocrítica de quem, há algum tempo, vem empenhando toda sua astúcia dialética e uma inteligência privilegiada contra o homem, como se ele não pudesse mais discernir entre a verdade e a mentira, a história e a ficção, a ponto dele ter se transformado, nesse labirinto midiático, numa espécie de fantasma autômato, privado de conhecimento e de liberdade e condenado à extinção sem sequer ter vivido.

Antes do final, deixei, movido por outros compromissos, o recinto da apresentação. Gostaria muito de tê-lo cumprimentado. Ao menos em razão da amizade que nos une, mas, sobretudo, para lembrar-lhe os tempos idos de nossa juventude acadêmica, quando a realidade nos exaltava e ele ainda acreditava que nós existíamos até nos excessos mundanos: quando bebíamos para além da conta ou passávamos uma parte da noite na delegacia por causa de um “pindura” mal sucedido. Permaneci caminhando tão absorto nesses pensamentos que nem passei na livraria para buscar o livro esquecido, porque me consolei com a ideia de que, talvez, ele já não mais existisse para mim, mas para outro dono que o tivesse arrematado depois de meu lapso matinal.

André Fernandes - IFE Campinas

---

## **Apresentação Núcleo de Filosofia**

A Filosofia nasceu na Grécia Antiga entre os séculos VI e VII a.C. Buscava o saber, a realidade do mundo e da vida. De lá para cá a História da Filosofia conheceu muitos filósofos, desde seus grandes pais Sócrates, Platão e Aristóteles, passando por Santo Agostinho e Tomás de Aquino, até Immanuel Kant, Henri Bergson e outros.

Contudo, em nosso tempo, muito se perdeu daquilo que a Filosofia objetivava no início, isto é, o saber, a busca pela verdade, pela sabedoria, limitando-se muitas vezes a resenhar ou interpretar filósofos do passado sem um comprometimento com a realidade do passado e dos dias de hoje, fato que levou e leva muitas pessoas a olharem a Filosofia como não ligada à nossa vida, como se fosse algo à parte e sem utilidade. Por outro lado, houve também filósofos contemporâneos que não desistiram dessa busca e, pelo contrário, empreenderam-na de modo exemplar. O ideal pela busca do saber e da verdade não foi perdido com o tempo.

Nosso Núcleo de Filosofia objetiva esse ideal, sem ignorar a tradição filosófica, mas ao mesmo tempo sem um apego a filósofos do presente que desconectam a filosofia da vida real. Afinal, não faz sentido estudarmos se não tivermos como objetivo conhecer melhor o mundo e o que nele acontece. Do contrário, ficaremos em especulações descoladas da realidade.

---

# Apresentação Núcleo de Epistemologia e Ciência

Algo falso não pode ser conhecido. Portanto, a verdade é condição *sine qua non* para o conhecimento. Mas, o que é a verdade? Tal problema, assim formulado, ressoa a constante indagação efetuada por filósofos de todos os tempos. Dentre todas as possíveis respostas, há uma que merece destaque: a verdade é a adequação da coisa ao entendimento. Deste modo, se expressa a razão formal do verdadeiro, o que a verdade é em sua própria essência.

A origem e fundamento da verdade é o ser. A negligência do ser, que pode ser atribuída à parte significativa do pensamento moderno e contemporâneo, implica na perda do sentido da verdade. O seu entendimento em sentido estritamente prático, na forma de pragmatismo ou na identificação de teoria e práxis, é uma extrapolação perigosa, que se distancia do sentido autêntico de verdade. Do fato de uma coisa ser ou não ser, depreende-se o fato de ser verdadeiro ou falso o nosso entendimento. Se conhecer é apreender no entendimento a coisa como ela é, também é possível identificar outra dimensão da verdade: a sua reflexividade, ou seja, a verdade é conhecida pelo entendimento mediante a sua reflexão sobre o seu próprio ato.

Há na filosofia contemporânea, um renovado interesse pela verdade. Todavia, não se tem conseguido alcançar um equilíbrio entre adequação e reflexão, o que nos leva, por um lado, a um cientificismo positivista e, por outro, a um antropocentrismo subjetivista. Neste contexto, o núcleo de Epistemologia do IFE CAMPINAS tem como propósito fomentar a reflexão que contemple as duas dimensões supracitadas, no tratamento do problema da verdade e do conhecimento, evitando os extremos indicados.

---

**Tags:** Divergência, Pensamento, Relativismo, Verdade,

**Fonte:** IFE Campinas. Disponível em: <http://ife.org.br/3949-2-andre-fernandes/>